

Fantasmas de Verdade e Lobos Domésticos

Autor: Guilherme Makoto

Email: makotoguilherme@gmail.com

Cel.: (11) 92011-3608

Primeiro Manuscrito protocolado na Biblioteca Nacional sob o número: 838439

Dados Técnicos

Sinopse do Livro: Piolho, um morador de rua, acaba se deparando com um cão abandonado que possui a extraordinária habilidade de falar. Ele é feroz e violento, porém, seu passado esconde segredos profundos. Do outro lado da cidade, a jovem Priscila divide sua rotina entre ir para faculdade, gerenciar um restaurante temático e um estranho hábito: Caçar cachorros abandonados.

Sua busca incessante tem apenas um objetivo — Encontrar seu antigo cachorro de estimação. Um animal que se distingue dos outros por possuir pelos brancos nas patas e a habilidade de falar com humanos.

O fatal encontro de Piolho com a “Caçadora de cães” revelará uma história sobre preconceito, ódio, abusos e, conseqüentemente, compaixão.

Formato: Romance.

Gênero: Realismo fantástico, drama.

Classificação Indicativa: Maiores de 18 anos

***Aviso:** A narrativa contém palavras de baixo calão e violência contra animais.

Prólogo: Passeio Noturno

A cachorra ouviu algo do lado de fora do apartamento. Suas orelhas se agitaram. Era o molho de chaves tilintando. O ruído aproximou-se da porta e encaixou na maçaneta. A passagem se abriu, deixando a luz do corredor invadir o local numa faixa simétrica e amarela.

As luzes do cômodo se acenderam e o cão correu para longe de Priscila, a jovem com blusão da universidade:

– Oi, bonitona.

Ela tirou os sapatos e caminhou descalço pelo piso de PVC. A sensação do chão gelado sustentando a planta dos pés a fez suspirar de alívio. Um dia mais cansativo do que o normal chegara ao fim. No caminho até o quarto arremessou sua pesada mochila no sofá. Tímida, a cachorra a seguiu com o rabo abanando.

– Pera aí, sua teimosa.

Fez uma manobra rápida, impedindo o animal de entrar em seu quarto. O bicho chorou e uivou para a garota do outro lado. Suas unhas arranhando o canto inferior da porta.

– Já vai!

A passagem se abriu e a cadela saltou. A jovem vestia agora uma calça *legging*; O cabelo estava solto e uma jaqueta preta com o logo da *Vans* cobria seu corpo. O efeito das roupas fora imediato. O rabo do animal chacoalhava ainda mais rápido. Ela se agachou para acaricia-la e, num ato contínuo, o cão encolheu a cabeça com o rabo entre as pernas.

Os pelos longos e castanhos deslizavam através dos dedos de Priscila. Segurou o rosto do cachorro entre as mãos e mirou seus olhos.

A jovem viu um tom de cinza esverdeado naqueles globos; O cão, duas íris claras e castanhas como mel. Os instantes em que passou olhando àquele brilho penetrante deixaram o cão com medo. Decidiu lambe a face de sua mestra para interromper o contato visual.

Priscila tentou desviar sem sucesso. Seu rosto estava molhado de baba e uma expressão amarga brotou de sua face. Ela respirou fundo.

– Que tal a gente comer pelo caminho? O que acha? – O cachorro manteve-se em silêncio. Os olhos mirando ora a face da humana, ora o canto da parede.

A luz vermelha do semáforo reluzia sobre o capô escuro do sedan. Naquele horário não havia nenhum outro veículo na rua a não ser o BMW E34, cujo formato dos faróis se tornara símbolo de luxo durante os anos 90, década em que os carros esportivos tinham menos curvas e mais adicionais personalizados.

O vapor saía pelo escapamento enquanto o motor respirava ansioso pelo sinal verde. O feixe vermelho atravessava o para-brisa. Recaía sobre a pele de Priscila e os pelos castanhos do cão. Um enorme pacote de papel bege estava apoiado no colo da garota. Dele ela retirava batatas fritas que ora levava até sua boca, ora à mandíbula do animal.

O vidro ao lado de Priscila estava ligeiramente abaixado. A noite era gelada e a jovem não estava disposta a deixar o frio entrar por completo. A fresta no vidro era só uma forma de dar vazão ao intenso cheiro de hambúrguer que dominava o interior do veículo. Nos alto-falantes laterais, uma batida tocava no volume mínimo: Música *house* eletrônica, quase inaudível.

– Como foi seu dia? Dormiu bem? Comeu bem? – disse Priscila no mesmo instante em que uma voz diminuta, saída do alto-falante, cantava cheia de energia. – Se não comeu direito, vai comer agora. Cuidado com o estofado.

O cão tinha o rabo enrolado no próprio corpo e comia as batatas com agitação. Estariam seguindo para mais uma caminhada noturna?

– Meu dia? Hoje eu acordei cedo. Dormi pouco, mas dormi bem. Hoje no trabalho atendi um casal bravo. Fui cobrar o dinheiro e acabei errando a taxa. Consegui acalmar os dois com a ajuda da Gemima. Ela veio ajudar. Acho que não foram com a minha cara. O aluguel da loja tá atrasado e paramos de servir *milk shake*.

Priscila tirou do pacote o sanduíche embrulhado: Pão integral, dois hambúrgueres, alface, cebola, molho especial, *bacon* e picles.

– Droga. Pedi sem picles. Você quer? – Ela beliscou uma fatia do legume e levou até a boca do cachorro no banco ao lado. – Um dia nosso hambúrguer será melhor que esse aqui.

A primeira o animal comeu; a segunda deixou cair no estofado, recusando-se a morder o pedaço.

– Não acredito que você fez isso...

Priscila recolheu o legume molhado e o arremessou para fora do carro.

– Ah, e lá na *Facul* foi de boa. Tive prova e deu pra sair mais cedo... E como hoje o movimento foi bem fraco lá no restaurante, saí mais cedo do trabalho também... Sorte! Sobrou mais tempo pra passar com você, garotona. A cachorrona que não gosta de picles...

A iluminação vermelha deu lugar ao verde claro.

– Hora de ir. – Priscila tascou uma enorme mordida no hambúrguer. Antes de devolvê-lo para a sacola bege, arrancou um pedaço com as unhas e deu na boca do cão. – É bem mais gostoso sem picles, não é?

Engatou a primeira, segurou firme no volante e acelerou. As luzes dos postes passando pelo preto reluzente do veículo; bolas de luz deslizando pelo capô como água escorrendo sobre o metal.

– Eu vou fechar o restaurante, bonitona. – disse Priscila. O cão parecia escutá-la com atenção. – O dinheiro acabou. Mas não quero dizer isso pro Samp.

O animal permaneceu paralisado, encarando a jovem. Depois de instantes, voltou-se para a janela e arranhou o vidro com a pata.

– Ah, o vidro... Desculpa.

Através do controlador no painel, ela abaixou a janela do banco do carona. Diminuiu altura o suficiente para que o cão colocasse a cabeça para fora.

– Esse carro era do Samp, bonitona. Eu comprei dele quando saí de casa, sabia?

Os postes da avenida iam ficando para trás. O veículo deslizava suave pela rodovia deserta. Priscila deixou o pé escorregar mais fundo sobre o acelerador e o vento começou a assoviar pelas entradas de ar. O pelo do cão esvoaçava feito esfregão de lava jato. A jovem achou aquilo engraçado e um riso iluminou seu rosto.

– Vamos comemorar nossa despedida! – falou Priscila. Sua voz competindo com o barulho da ventania. – Qual música você quer?

O cão apenas manteve a língua ao sabor do vento.

– Essa é perfeita! Boa escolha, garota! Boa escolha!

Priscila avançou as músicas no sistema de som, pulou todas até chegar àquela pedida pela cachorra. Elevou o volume no máximo. As caixas começaram a vibrar. Palmas mescladas com um vocal ardido e sintetizado. O grave entrou na batida e fez as portas do carro tremerem num ritmo constante. O coração de Priscila pulava junto, e um surto de energia louca se acumulava dentro dela na mesma intensidade que na canção.

As palmas cessaram. A batida estancou. E o vocal conduziu a música sozinho. A voz ganhou coro até deslanchar em uma única frase. – *Drop the bass.*

As palmas e as batidas voltaram com força total e Priscila forçou o acelerador ao máximo. O motor rugiu endiabrado. O carro voou pela rodovia. E os pelos da cachorra chacoalharam loucamente.

De repente o medo dominou o animal, que se encolheu no assento do carona, latindo em desespero.

Priscila franziu o cenho e se pôs a rir sem parar.

A luz vinda dos faróis acesos da BMW formava um círculo no meio da mata. No centro estava o corpo da cachorra, estirado e sem vida. Uma sombra se projetava ao lado do animal – Priscila parada bem em frente aos faróis do veículo.

Ela respirou fundo e olhou para o alto, contemplando as estrelas. Voltou caminhando para dentro do carro. Era sexta-feira. No dia seguinte não teria aula. Agora os ombros estavam relaxados e os dedos tamborilavam tranquilos sobre o volante.

– Uma a menos... – disse Priscila, desdobrando as mangas da blusa. Em seu antebraço, marcas de arranhões e mordidas profundas.

O efeito terapêutico do passeio noturno começava a surtir.

Capítulo 1: Cães Raivosos

Duas batidas na borda fizeram o ovo rachar pela metade.

A gema e a clara se espalhando pelo metal quente produziram estalos agradáveis aos ouvidos de Piolho que, em estado meditativo, observava Paulinho montar seu lanche de rotina. Pão com ovo para a viagem. O jovem, porém, experiente cozinheiro do Bar do Tião, trabalhava rápido.

O olhar concentrado de Piolho deslizou para esquerda, pousando sobre o cartaz da garota da cerveja. Observou as curvas do corpo, o sorriso insinuante, os cabelos ao vento. “Minha esposa é mais bonita”, pensou ele.

O sanduíche foi embrulhado em um pacotinho e entregue ao cliente.

– Tá na mão, Piolhão.

– Obrigado... Água benta?

– Sim. Tem sim. – Paulinho se voltou para o caixa, onde seu irmão contava o dinheiro atrás da vitrine repleta de maços de cigarros e docinhos coloridos. – Ô Ricardo.

– Fala.

– Pega um Corote pro Piolho, fazendo favor.

– É o azul né?

– O azul. – disse Piolho.

– É nós, Piolhão. Vai lá. – disse Paulinho.

– Falou... – respondeu o cliente, dando um sorriso tímido.

Ricardo, sem olhar para Piolho, retirou a bebida de uma estante alta repleta de muitas outras, com cores e formatos diferentes. Pôs sobre o balcão o elixir azul. Tirou seu celular do bolso e permaneceu em silêncio enquanto rolava pela *timeline* da rede social. Piolho pegou a garrafinha. Guardou na mesma sacola que abrigava o lanche embrulhado. Já estava de saída quando Ricardo o deteve.

– Ô Piolho, tá sem trocado hoje?

– Ah! Quase esqueci, rapaz.

– Ia sair sem pagar?

– Lógico que não! Oxi! Lógico que não! – Remexeu os bolsos e tirou moedinhas.

– O lanche é por conta da casa, mas o Corote não. Esse é o combinado.

– Opa, tá tudo aqui. Deixa eu só...

Uma por uma, foi colocando as moedas delicadamente na bancada do caixa.

– Me desculpe. – disse Piolho, depositando a última. – Estamos acertados.

- Isso. Vai lá, vai com Deus.
- Obrigado.
- É nós, Piolho.

Era final de tarde. Momento em que os carros inundavam as avenidas e os trens circulavam repletos de gente. O sol já se escondia no horizonte e as luzes da cidade começavam a brilhar. Nuvens escuras pairavam no céu.

– Vai chover... – sussurrou Piolho, enquanto caminhava pela rua.

Vestindo uma apertada blusa de lã cheia de furos e calças jeans surradas, Piolho andava apressado. Cada gole que virava de seu Corote injetava mais firmeza e decisão aos passos fincados no solo.

Durante o trajeto espiava latas de lixo. Quando se deparava com um objeto de valor, ele o reservava em sua sacolinha descartável. Três garrafinhas de plástico, um pacote aberto de amendoim sem casca e um frasco de *ketchup* quase vazio eram, até então, seus grandes achados. Já estava escuro quando Piolho cessou as buscas para sentar-se na beira da calçada, contemplando a movimentação.

No outro lado da rua uma família saía do *McDonald's*. O restaurante estava lotado, e através das janelas enormes se via a extensa fila que havia lá dentro. Na lateral do estabelecimento, um desfile de luzes brilhantes e rostos zangados, passando na velocidade de uma lesma.

– *Draiver Tru... Draiver tru... Daiver Tu... Sê é loco...* – murmurou Piolho, tentando decifrar a placa ao lado da fila de carros.

O cheiro de hambúrguer que exalava do restaurante lhe instigava os sentidos. Puxou da sacola seu lanche. Abriu o pacotinho e mastigou. O elixir azul já fazia efeito e seu paladar podia ser enganado. Se a primeira mordida fora num pão com ovo, a segunda veio sobre um *Chesse burger* inchado de maionese e saladas frescas.

O frasco de molho de tomate que encontrara agora estava completamente vazio. Todo o conteúdo fora usado na batalha para manter a imaginação. Piolho ainda saboreava um pedaço de lanche em sua boca quando um leve formigamento o despertou do transe.

Ele deslizou o olhar para seus pés apoiados no asfalto. As cores que emanavam do *fast food*. – O vermelho e o amarelo neon. – Repousavam sob seus dedos esturricados,

abrigados pelo encardido chinelo *Havaianas*. Ele avistou um pedacinho de pele sobressaltada na ponta de seu dedão.

– Oxi... – Piolho capturou a lasca com a ponta dos dedos e puxou com força. – Caraio... – Sem sucesso, ele repetiu o movimento diversas vezes, deixando a outra mão encarregada de sustentar o último pedaço do jantar.

Patas ligeiras se aproximaram em alta velocidade. Piolho, de repente, sentiu em sua mão pequenas lufadas de ar quente. Um focinho úmido e gelado resvalou sob sua pele. Só mais um animal sarnento querendo lhe roubar o lanche. Sem olhar, sacudiu o braço.

– Sai! Xô! Passa já!

O focinho molhado se afastou. Piolho mantinha-se concentrado na lasca em seu dedão. Passaram-se alguns segundos até as lufadas de ar voltarem a perambular próximas ao lanche.

– SAI! – gritou Piolho, levando a mão que retirava a lasca contra a cabeça do animal. O impacto surdo mal se dissipara no ar quando seus olhos, de relance, capturaram a velocidade do pulo. Uma mandíbula canina cravou ferozmente os dentes na mão que sustentava o lanche.

O tranco fez Piolho cair para trás. E a mandíbula raivosa transformou seu braço num cabo-de-guerra. Piolho tentava se levantar para não ser arrastado. Seu peso tornava a resistência dos puxões ainda mais dolorosa.

O animal do outro lado do cabo dava trancos vigorosos para trás, na tentativa de fazer a mão de piolho sair de seu corpo, como se o membro fosse parte do lanche que disputava. Piolho gritou de dor e desespero, mas logo seus lamentos se tornaram sons guturais furiosos.

Ele cerrou os punhos e martelou a cabeça do animal. E a cada soco o cachorro forçava os dentes contra a pele de Piolho. Sua mão sangrava de dentro da boca do cão.

Dando um impulso, jogou seu próprio corpo contra a fera. Num movimento veloz, agarrou-lhe o ventre e ergueu o animal acima de sua cabeça com apenas uma mão. Com as patas no ar, o cachorro se contorcia, tentando se libertar. Mas antes que Piolho pudesse perder o equilíbrio, desceu o corpo do bicho com o máximo de força, arremessando-o contra o concreto. O cachorro grunhiu, mas não soltou.

Piolho apoiou a ponta do cotovelo sobre o pescoço do animal numa tentativa de sufoca-lo. Gemidos e lágrimas saíam de modo atropelado da face do rapaz. Ao mesmo

tempo, seu cérebro já não assimilava a dor. Tinha um semblante pálido, sólido como uma placa de gelo. Agora era um soldado pronto para morrer. Lutaria até o fim.

Foi então que o cachorro revirou os olhos castanhos cor de caramelo, encarando diretamente Piolho. Dentes ensanguentados à mostra. Os lábios estirados demonstravam a determinação do animal. Seu pelo era alto, castanho, queimado de sol. Seu corpo era repleto de cicatrizes onde a pelagem nascia falhada. Da Ponta das patas crescia uma tímida pelagem branca. Piolho, olhando-o nos olhos, agora via: O cão era uma cadela, que também era uma guerreira, tão preparada quanto ele para morrer lutando.

A visão fez sua espinha congelar. O cachorro sacudiu a cabeça, aplicando ainda mais pressão nas lacerações. O movimento fez os nervos da mão gritarem todos juntos, num coral barulhento que estalou a mente de Piolho. A dor voltou com tudo. Seus dedos soltaram o lanche dentro da boca do animal, mas os dentes do cão continuavam a prensar.

Sem largar a pressão que exercia sobre seu pescoço, o rapaz estendeu a perna em direção a sacolinha. Chutou o chinelo para longe, e com os dedos do pé conseguiu puxá-la para perto. Perto o suficiente para executar um arriscado movimento.

Retirou o cotovelo de cima do cão, enfiou a mão dentro da sacola e dela puxou o pacote de amendoim sem casca. O animal num salto se recompôs. Estava pronto para arregañar-lhe os dentes quando Piolho levou para perto de seu focinho o pacote.

Eles se entreolharam mais uma vez. E foi então que o animal percebeu. O rapaz já não tinha mais o semblante frio. Ele sofria, e suas lágrimas eram de desespero total. Ele não estava pronto para morrer.

O cão pareceu refletir por alguns instantes. Percebeu os carros passando pela rua. Abriu a mandíbula e libertou Piolho. Mastigou o que restava do lanche em sua boca.

Com a mão ferida encolhida em seu peito, Piolho chorava aos berros rolando pelo chão. Foi quando o som de todas as coisas cessou para dar lugar a uma voz rouca e grave:

– Para-de-chorar.

E Piolho parou. Ele acabara de ouvir palavras vindas da cachorra.

Ficou em silêncio, engoliu as lágrimas e ergueu a cabeça. O cão estava ali, olhando para ele. As luzes vermelha e amarela contornavam a pelagem do bicho, fazendo dele uma besta sombria. Eles se encaram por mais alguns segundos até que o animal abocanhou o pacote de amendoim e se afastou mancando.

A cachorra prosseguiu em marcha lenta pela calçada. Seu vagar era pesado como o de um velho ancião. Atravessou a rua, deu mais alguns passos, um mais decadente que o outro, e tombou.

O *McDonald's* ainda estava lotado de olhares vazios e o céu, mesmo noturno, previa uma tempestade de nuvens carregadas. Era possível até mesmo ouvir o barulho das gotas caindo...

O som do fervilhar da chapa vazava num ritmo constante.

Ovo, bife e linguiça eram os mais pedidos no horário de almoço. Paulinho suava. Tratava de enxugar a testa com a manga da camisa. Apesar de fazer frio lá fora, o clima era diferente diante da chapa.

Ricardo se aproximou e pregou duas novas comandas no espeto. Dois pratos executivos no capricho. Paulinho já sabia de quem eram os pedidos.

– Quanto deu o jogo ontem? – Perguntou o homem com a cabeça virada para a televisão.

– Dois a zero pro Palmeiras! – Respondeu o outro ao seu lado.

Eram Neto e Cícero. Taxistas que gostavam de se sentar nas banquetas circulares bem na frente do balcão. Com os anos de profissão, adquiriram a habilidade especial de conversar sem olhar para o rosto do emissor. Neto assistia ao noticiário esportivo na TV do bar. Cícero lia o jornal da cidade. Atrás deles, um grupo de três pedreiros reunidos numa mesa debatia a eleição do novo prefeito.

– Fala Ricardo! – disse o homem que acabara de chegar.

– Fala Seu Vicco! – disse Ricardo de trás do caixa. – Tudo bem com o senhor?

– Tudo ótimo! Na paz de Jesus Cristo! E seu irmão, cadê... Olha ele aí! – disse o velho, interrompendo a si próprio. – Fala campeão! Trabalhando muito?

– Opa! Só na correria, Seu Vicco? – disse Paulinho, sem tirar os olhos da chapa de metal.

– Graças a Deus tá tendo correria! Tanta gente aí desempregado...

Vicco era um senhor de 63 anos cujos óculos escuros contrastavam com a pele branca e enrugada. Paletó bege, sapato social e anéis dourados. Debaixo do braço, o livro dos livros. Folheou as páginas com delicadeza. As mãos trêmulas batendo no papel.

– Olha só o que Ele trouxe pra vocês hoje... – disse Vicco com os olhos escondidos por detrás dos óculos. Sua voz encorpada recitou o canto. – “Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência para com todos usar de Misericórdia”, Romanos onze, versículo trinta e dois.

- Amém. – falaram Ricardo e Paulinho, quase ao mesmo tempo.
- Amém. Deus abençoe a vocês e o pai de vocês, lá no céu. Tenho uma saudade grande dele. Homem de bom coração.
- Obrigado, Seu Vicco. – disse Ricardo, tomando a dianteira para que o irmão pudesse cozinhar em paz.
- Vão aproveitar o dia pra ver um *showzinho*?
- Que nada, Seu Vicco. Vamo é trabalhar.
- Passei lá no centro e vai ter show em tudo quanto é lugar. Estão arrumando os equipamentos por lá.
- O Aniversário da cidade é sempre assim...
- Vai tá bom o negócio.
- Quem sabe no final do dia não dê pra aproveitar um forrózinho.
- O Piolho ainda não veio?
- Veio ontem. Hoje ainda não apareceu. Nessa hora era pra ele tá aqui. Deve tá chegando.
- Diga que eu mandei um abraço e deixei uma benção.
- Pode deixar, Seu Vicco.
- Deus abençoe, meninos.

Ricardo se encarregava de conversar com os clientes. Apesar de ser um pouco marrento, sabia lidar com o público, formado em sua grande maioria por aposentados, trabalhadores e comerciantes da região.

O Bar do Tião já existia há mais de 20 anos. E em pelo menos dez deles Paulinho já cozinhava naquela chapa. Já Ricardo só assumiu o balcão quando o pai falecera, três anos atrás. Sebastião Amado de Oliveira foi o fundador do bar. Veio da Bahia e, em São Paulo, foi amado pelos filhos, pelos clientes, por Seu Vicco e por Piolho, que desde muito jovem comparecia ao estabelecimento em busca de comida, água e elixir azul. Quanto aos dois primeiros itens, Sebastião nunca negou. Já o elixir era por conta de Piolho, que deveria pagar pela bebida.

No combinado, ele poderia vir até o bar todos os dias na hora do almoço e do jantar. A tradição foi passada para os filhos, que a mantinham com afinco até os dias atuais. Piolho também cumpria a sua parte, comparecendo nos horários combinados.

Mas, naquele dia, o apresentador do boletim esportivo já havia anunciado o fim do programa quando a embalagem cromada de marmita, sempre preparada com antecedência, esfriara. Seu Vicco dava os primeiros passos para fora do bar, até que:

– Há! Olha ele aí! Olha ele aí! Tudo bem, meu filho? – disse Vicco. – Acabei de falar de você! – Ricardo! Olha o homem aqui! – Já almoçou? Você está meio pálido, rapaz... O que aconteceu com sua mão?